REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO—VOLUME IX—N.º 277

1 DE SETEMBRO 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

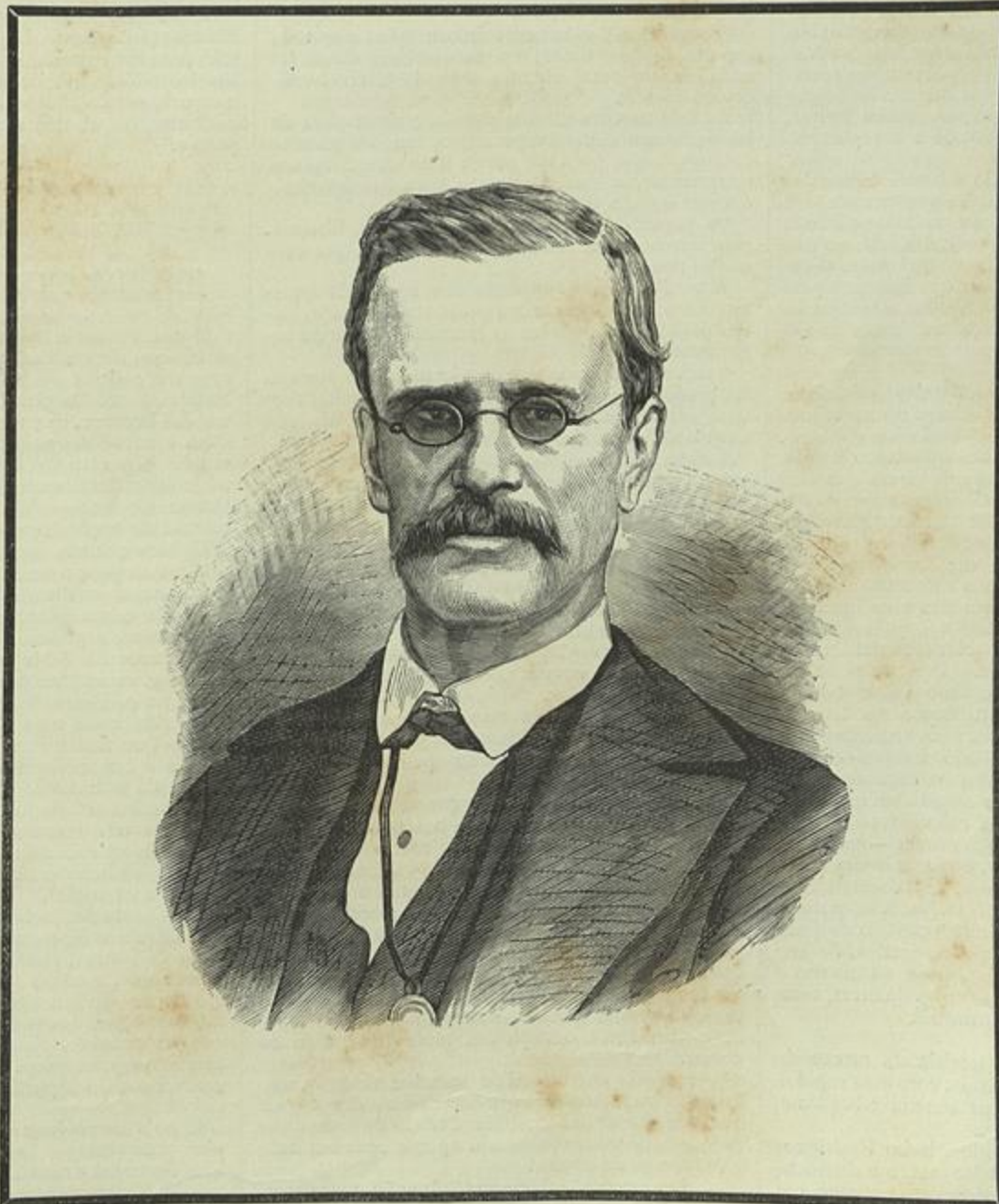
Esta chronica começa hoje por uma noticia triste — a da morte do sr. José da Silva Mendes Leal.

Essa noticia que produziria sempre profunda impressão, por todos os titulos que á estima, á consideração e ao respeito dos seus compatriotas tinha o illustre morto pelas brilhantes qualidades do seu espirito e pelos altos dotes do seu caracter, foi ainda aggravada por todo o inesperado da surpresa.

N'um dia os jornaes noticiaram a chegada do sr. conselheiro Mendes Leal das Caldas: d'alli a dias a sua partida para Cintra, onde ha muitos annos costumava passar a estação calmosa e as suas ferias de diplomata: pouco depois vem noticia de ter sido accomettido de rheumatismo agudo o illustre homem de lettras, e logo immediatamente depois, quando nada o fazia prever, nem suspeitar sequer, a noticia da sua morte.

Foi profundo o abalo que essa noticia terrivel, encerrada laconicamente nas tres linhas de um telegramma, produzio em Lisboa, causando quasi a surpresa d'uma morte repentina.

No principio nem se sabia mesmo do que fora que Mendes Leal morrera. Depois as noticias vieram. O nosso embaixador em Madrid succumbiu a uma perniciosa que, segundo alguns medicos, o accomettera em Madrid e estivera todo esse tempo em incubação.

Segundo essa versão, no palacio da legação

CONSELHEIRO JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL — FALLECIDO EM 22 DE AGOSTO DE 1886
(Segundo uma photographia de H. Nunes)

portugueza em Madrid estavam-se fazendo umas obras n um encanamento da casa: e foram os miasmas que d'esse encanamento se exhalaram, que originaram a infecção que d'alli a menos de um mez matou o illustre escriptor, rapidamente, quasi que sem dar tempo d'operar a medicina.

Fosse como fosse, o que é desgraçadamente certo é que, longe ainda da alta velhice, a morte arrebatou a Portugal esse seu filho illustre, que deixou assignalado gloriosamente o seu nome na poesia, no theatro, no romance, na diplomacia e na politica do nosso paiz.

N'outro logar do Occidente um escriptor illustre que foi companheiro e amigo intimo de José da Silva Mendes Leal, faz com o elevado e brilhante talento que distingue todos os seus trabalhos, o artigo ácerca do grande escriptor por quem as lettras nacionaes estão hoje de lucto; nós, aqui, registamos apenas a sua morte, com a tristesa sentida e justa, com que se veem desapparecer no tumulo as brilhantes glorias que encontramos já radiantes no mundo, quando n'elle entrámos, qu ndo vemos apagar-se uma d'essas vidas que eram a glorificação do trabalho, a apotheose do talento.

Pessoalmente conhecemos pouquissimo o conselheiro Mendes Leal, e não tivemos portanto occasião de lhe apreciar os altos dotes de caracter de que, todos que o conheceram, fallam com tão alevantado elogio.

Apenas fallámos com o illustre homem de lettras, duas ou tres vezes durante as sessões do congresso internacional de literatura que ha annos se reunio em Lisboa.

Tambem nunca o ouvimos na camara, e quando entrámos na vida litteraria já Mendes Leal deixara as lettras pela politica e o seu periodo aureo do theatro tinha passado.

D'esse periodo porem ficaram trabalhos importantes que no seu tempo lhe valeram ruidosa gloria, brilhantes triumphos, dramas historicos d'alto valor, poesias notabilissimas, que andavam então na bocca de toda a gente, como *Ave Cesar! — Napoleão no Kermelin*, romances importantes, que aureolam o nome de Mendes Leal com a fama que sobrevivera por muito tempo nas nossas lettras, que lhe deram a justa nomeada e a reputação gloriosa.

Apesar de não termos tido a honra de ser das suas relações intimas, apesar de pretencermos a outra geração litteraria, registamos com profunda magua a morte de Mendes Leal, descobrimo nos reverentes ante essa sepultura onde baixou o cadaver d'esse valoroso luctador, que somente pelo talento, pelo trabalho, pelo estudo, alcançou os mais altos cargos e as mais subidas honras do seu paiz.

A morte do sr. conselheiro Mendes Leal deixou vagos tres lugares importantissimos no alto funccionalismo portuguez, o de conselheiro d'estado, de embaixador em Madrid e de bibliothecario-mór.

Para o primeiro d'esses cargos, dizem que será nomeado o sr. general João Chrysostomo d'Abreu e Sousa; e para o de embaixador em Madrid, o sr. conde de Casal Ribeiro.

Para bibliothecario-mór, vae ser nomeado o sr. Antonio Ennes, e folgamos sinceramente com essa nomeação porque representa uma homenagem justissima a um dos talentos mais serios e mais robustos, a uma das capacidades intellectuaes mais vigorosas do nosso paiz.

Homem de lettras de altissimo valor, talento possante, affirmado brilhantemente no theatro portuguez de que é uma das mais radiantes glorias contemporaneas, trabalhador infatigavel e serio, Antonio Ennes tem todos os requisitos para bem se desempenhar do alto cargo com que o governo vae galardoar os seus relevantes serviços.

Mais uma vez aqui o declaramos — graças a Deus nunca fizemos politica, e temos muita esperança de que nunca a faremos: applaudimos com enthusiasmo e com alegria essa nomeação, porque para nós não representa uma nomeação de politica, representa uma nomeação de justiça, de justiça feita aos elevados merecimentos, ao talento e ao trabalho d'um dos nomes mais illustres, mais gloriosos e mais queridos confrades.

No dia immediato ao da noticia da morte de Mendes Leal, correu em Lisboa, com essa rapidez terrivel das más novas, outra noticia tristissima, uma noticia tragica.

A sr.ª D. Maria da Piedade Aboim Rodrigues Cordeiro, esposa do nosso bom amigo e distincto poeta Xavier Rodrigues Cordeiro, morreu na sua casa das Côrtes, em Leiria, d'um horrivel desastre.

A sr.ª D. Maria da Piedade Cordeiro, que fora uma das senhoras mais formosas e mais espirituosas da nossa primeira sociedade, andava já ultimamente muito encommodada com uma doença terrivelmente fatigante, e que infelizmente é endemica em Lisboa, tem as honras de doença da moda — uma dyspepsia.

Como todos sabem — porque creio que não ha ninguem em Lisboa que lhe não tenha soffrido os symptomas, — a dyspepsia tem o condão diabolico de entristecer os espiritos mais alegres, de transformar em *splenicos* os homens mais joviaes. Ha cousa d'um mez estivemos ainda com Xavier Rodrigues Cordeiro e sua estremecida esposa, em casa do nosso carissimo e presado amigo, o bom e meritissimo juiz do supremo tribunal de justiça, o conselheiro Antonio José da Rocha.

A esposa de Rodrigues Cordeiro fazia já differença do que era, a dyspepsia tinha-a já entristecido um pouco, entretanto o seu espirito animado e brilhante luctava com a tristesa que procurava dominal a, e luctava victorioso por vezes, subjugando de toda essa tristesa symptomatica dos periodos agudos da doença.

Conversou com a *verve* que lhe era caracteristica, riu, esteve animada e animou a conversação com o seu espirito scintillante.

Depois nunca mais a tornamos a ver.

Soubemos que a doença fizera progressos — o que não nos assustou nada porque em compensação da impertinencia que as distingue, as dyspepsias raras vezes são perigosas, — e que a sr.ª D. Maria da Piedade Cordeiro, partira para as Côrtes, a sua casa em Leiria de que ella não gostava nada — um presentimento, quem sabe? — para na mudança d'ar e de aguas procurar o restabelecimento da sua enfermidade.

Semanas depois, á porta da Livraria Carmo, soubemos assombrados que um sobrinho da illustre senhora, recebeu momentos antes um telegramma concebido n'estes termos:

«Grande desgraça. Sua tia acaba de morrer queimada.»

Procurámos avidamente informações por toda a parte, ninguem, nem os mais intimos d'essa familia sabiam coisa alguma além da terrivel e laconica noticia.

As informações vieram depois e tivemol-as da bocca de um velho amigo nosso, amigo e parente da finada, que para alli partiu logo que chegou o telegramma, e que na quarta feira acompanhou até sair o cadaver.

Os jornaes contaram por alto a triste historia, mas em nenhum lemos os promenores que esse amigo nos deu.

A sr.ª D. Maria da Piedade fôra no dia da catastrophe a um pateo onde nunca costumava ir, pateo para onde deitavam as janellas da casa de engommar.

Esteve vendo as obras que se andavam fazendo no predio, e conversando encostada á janella com uma creada antiga e muito intima da familia, que dentro de casa estava engommando.

Esteve conversando a respeito das obras: «que estavam quasi acabadas, e que ainda bem, porque ella estava muito melhor, e queria sahir d'alli para ir passear pela provincia.»

Depois andou mais um pedaço pelo pateo, mas quando, ao entrar em casa, atravessava uma cosinha, onde havia 9 ou 10 cantaros grandes cheios de agua, um creado que alli estava, vendo-lhe lume nas saias, disse-lhe:

— O' minha senhora! olhe que está a arder!

Ella assustou-se com isso, e deitou a correr por um grande corredor.

O creado, por um excesso de respeito de serviçal, que se comprehende n'um pobre camponio, não se atreveu a agarrar a sua patroa, e poz-se a gritar por soccorro.

Vieram os creados, e começaram a correr atraz da pobre senhora, atirando-lhe baldes de agua; ella porem, allucinada pelo terror, corria sempre; a corrente de ar que a sua corrida estabelecia mais ateava ainda o fogo, e quando por fim uma creada a agarrou, ficando tambem muito queimada, e a atirou ao chão, abafando o fogo com um cobertor, já a sr.ª D Maria da Piedade estava horrivelmente queimada, tendo apenas intacto o busto e a cara.

Chamado á pressa um medico, muito amigo da casa, contastou que o estado era desesperado, que as queimaduras occupavam mais de metade do corpo.

Veio ainda outro medico, mandou vir gelo, mas foi tudo inutil, e d'alli a poucas horas a desgraçada senhora succumbia á asphixia, tendo durante a sua dolorosa agonia murmurado apenas com um indizivel terror da morte:

— Salvem-me! salvem-me! que não quero morrer!

Xavier Rodrigues Cordeiro, que adorava sua mulher, que não via outra coisa n'este mundo, ficou como louco, e comprehende se perfeitamente esse estado.

Se esta medonha catastrophe impressionou lugubremente mesmo quem não conhecia a pobre victima, que impressão não produziria n'aquelle de quem a pobre morta era a esposa estremecida e adorada, a querida companheira de toda a sua vida, dos seus annos ridentes de mocidade, a companheira d'essa velhice tranquilla e placida que se avisinhava!

Não ha palavras nem consolações que não sejam de uma banalidade impertinente perante uma catastrophe tão horrivel e tão tragica, e por isso apertamos silenciosamente a mão do desolado viuvo, sem nos atrevermos a dizer-lhe uma unica palavra...

Não concluiremos a nossa chronica sob esta impressão lugubre.

Temos para a fechar hoje uma noticia alegre e um appello sagrado.

Quando este numero do Occidente se publicar estará já aberto na Avenida da Liberdade, na altura da fallecida praça da Alegria, um bazar cujo producto reverte a favor da creche de Santa Eulalia.

N'esse bazar, promovido por uma commissão a que preside o sr. Rosa Araujo, o fundador benemerito d'essa creche, de que daremos proximamente larga noticia aos nossos leitores, figuram premios de grande valor que promettem aos mais egoistas o fazer um bom negocio, ao mesmo tempo que fazem uma boa obra.

Junto ao bazar ha illuminação e musica, duas coisas que não havia até agora ás noites na Avenida, e que, com a sua ausencia, sobretudo a primeira, a illuminação, afastavam muita gente, que gosta muito de tomar fresco n'estas noites abafadas dos caniculares, mas que não gosta de passear ás escuras.

Agora essa falta desappareceu: na Avenida ha illuminação á noite, Luz e Caridade, um bom titulo para uma poesia sentimental cheia de judiciosos trocadilhos poeticos, e um excellente titulo a que o bazar da creche tenha todas as noites uma enchente, o que nós desejamos muito mais que a poesia.

Gervasio Lobato.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

O que vamos escrever não é um artigo largo e minucioso de critica litteraria, menos ainda a biographia politica do notavel poeta José da Silva Mendes Leal. Os grandes e imparciaes julgamentos dos homens, que nas lettras, e na direcção politica e social das nações, attrairam sobre si a attenção e o respeito dos contemporaneos, só os póde fazer desassombradamente a historia, quando liberta de mesquinhas paixões, e repousada do embate de apreciações desencontradas.

Os tres quartos do seculo que vão correndo representam para o nosso paiz um desenvolvimento e progresso intellectual a que nenhum outro periodo da nossa historia póde ser comparado. Os pessimistas, espiritos d. entios que veem tudo á luz soturna da descrença, pódem accusar de incertas as aspirações do nosso tempo, de mal definidos os processos que deveriam conduzir á homogenidade de uma litteratura robusta e viril; mas o que não pódem, porque seria negar a evidencia e contrariar a bibliographia, que é a estatistica da actividade do espirito humano, é que o renascimento da vida litteraria em Portugal se deveu a tres homens que se chamaram Herculano, Garrett e Castilho e á escola de que elles foram os iniciadores na historia, no theatro, no romance e na critica.

Apesar de ser nobilissima a vida parlamentar, jornalistica e diplomatica de Mendes Leal, o homem de lettras, poeta, dramaturgo e romancista avantaja-se, e como que absorve as outras variadas feições do seu talento, taes e tantos são os titulos de gloria que o recommendam á posteridade, que na sombra deixam as qualidades do orador correcto e primoroso, de publicista ardente e consciencioso, do diplomata cioso da dignidade nacional.

É pois como homem de lettras que nos cumpre commemorar em primeiro logar o vulto que Portugal acaba de perder, e que foi um dos seus mais prestantes e gloriosos filhos. Um dos seus mais esclarecidos biographos, Silva Tullio, referindo se ás variadas aptidões litterarias de Mendes Leal escrevia em 1859 as seguintes linhas na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*:

«Os prophetas da antiga lei dividem-se na sagrada escriptura em maiores e menores. Estes ultimos são assim chamados, não por serem mais graduados, ou mais sabedores, mas por terem escripto mais que os outros. Tirando exemplo de tão augusta auctoridade, diremos que Mendes Leal é um dos prophetas da actual geração litteraria de Portugal. É talvez o que tem escripto mais, e seguramente em mais variados ramos do saber humano. Colligidas já todas as suas obras, pertencem bibliologicamente á typographia.»

«A poesia lyrica, a tragedia, o drama, a comedia o romance, a philosophia, a critica, a eloquencia (academica e parlamentar) a historia, a biographia, as bellas artes, a politica doutrinal, a polemica, em todos estes assumptos se tem exercido a sua intelligencia, se tem revelado o seu talento, se tem gasto os melhores dias da sua mocidade, offuscando a luz dos seus olhos, debilitado o corpo, provado o animo nos reveses e privações: e isto durante vinte annos, sem descanço, sem interrupção, sem esmorecimento, sem queixumes, sem sollicitações, e portanto, com muita honra, e pouco proveito.»

Um critico anterior a este, um dos mais robustos talentos contemporaneos, historiador brilhante, romancista de pulso e orador primoroso, Rebello da Silva, havia aquilatado o talento de Mendes Leal como poeta, em dois artigos publicados na *Revista Peninsular* não duvidando dar lhe o primeiro logar como poeta lyrico na vasta galeria dos que até então haviam conquistado as boas graças do publico, e a confirmação dos juizes competentes em assumptos litterarios.

Annos antes, Lopes de Mendonça, o critico eminente e austero, esboçava nos *Ensaios de Critica e Litteratura* o perfil litterario de Mendes Leal como poeta e como dramaturgo e afferindo o pelos principios politicos e sociaes que foram a norma constante do infeliz auctor dos estudos ácerca de Damião de Goes, escrevia: O genero drama presta-se essencialmente a todas as necessidades da democracia: Vive pelo favor, pelo enthusiasmo das turbas: engrandece-se pelos soffrimentos, pela agonia do talento individual. A vida não se estuda nos palacios, nem nas salas de baile: aquella atmosphera enerva, *sensualisa* a vontade mais rijamente temperada: as rugas da reflexão quasi sempre são desenhadas no rosto pelo dedo da miseria.»

E ampliando e desenvolvendo esta e outras theorias analogas, Lopes de Mendonça accrescentava, referindo-se á representação dos *Dois Renegados:* «Era a primeira vez, que se soubesse, que a mão do publico coroava um auctor, e o fadava poeta no meio das expansões do seu enthusiasmo. Não era a obra só, era o exemplo, uma proclamação eloquente para rehabilitar o talento litterario, atado ás casacas de uma nobreza estupida no antecedente seculo.»

«O mancebo não se deixou engolfar nas delicias de Capua: essa terrivel Capua das vocações indecisas, e das naturezas preguiçosas.»

Mais tarde, annos depois, o mesmo critico, publicando em 1855 as suas *Memorias de litteratura contemporanea* confessava ter pouco ou nada que alterar no seu anterior julgamento, aliás severo na analyse parcial de algumas das obras do poeta, desprendendo-se nobremente das minucias que podiam lançar desfavor sobre o talento do criticado julgava dever da sua lealdade de critico alterar-lhes o alcance com esta solemne conclusão:

«Se o sr. Mendes Leal não fosse, como é, um talento superior, uma intelligencia poderosa e dotada de inesperados recursos, poderia haver-se eclipsado com estes fogos de artificio, que brilham e maravilham um momento desfazendo-se em giros resplandecentes; mas a sua imaginação, se reflecte o que a preoccupa, cria e desenvolve os elementos que a enriquecem. Mobil e fecunda, umas vezes é faustuosa e prolixa como um canto oriental, outras severa e concisa como uma pagina de escriptores da pura latinidade. Balança-se, como o indio, na canôa que atravessa o rio, esmaltado de arvores e flores; adianta-se, como o cidadão antigo, entre as columnas do templo, com passo magestoso e grave.»

«Ousamos prophetisar tambem, que o sr. Mendes Leal, apezar da quantidade das suas obras, ainda se não produziu com a magestade permanente, a que o seu prodigioso talento o destina. Se o desviarem da politica, que consome tanta actividade intellectual, que forçosamente desbota as mais viçosas e poeticas imaginações, terá tempo e remanso para se entregar á poesia, que o acalentou desde os primeiros annos, que é a sua aspiração continua, a sua especialidade decisiva, e, por assim dizer fatal.»

Transcrevemos de caso pensado estes trechos da critica que desde logo acompanhou o poeta ao estreiar-se na vida litteraria, para os approximarmos de outras opiniões mais recentes, e que se lhe exigem responsabilidades que lhe não pertencem, e se lhe assignala itenerario que elle não era forçado a seguir.

A critica justa, racional, moderna, é a que considera os trabalhos do homem de letras no seu harmonioso conjuncto, não mutilando a inspiração inicial do escriptor, tomando-lhe contas a retalho d'esta ou d'aquella producção isolada, d'este ou d'aquelle desvio de poeta no pregrinar liberrimo da sua imaginação.

Assim é que a critica alvoraçada com a queda do gigante que se chamou Victor Hugo, e comprehendendo que não devia medir-lhe a estatura por um outro livro isolado de versos, por este ou aquelle drama do seu vasto reportorio, nem pedir-lhe contas pelas theses desenvolvidas nos seus romances democraticos, de preferencia á sua *primeira maneira* de romantisar a historia a exemplo de Walter Scott, se contenta em discursar sobre o vasto alcance litterario da OBRA, designação cordata que abrange toda a valia intelectual do poeta no conjuncto das suas variadas e profundas cogitações.

Quando, principalmente, chegarmos a fallar de Mendes Leal como dramaturgo, defendel o-hemos da arguição que lhe faz o sr. Theophilo Braga na sua *Historia do theatro portuguez* accusando-o *de ter corrompido a obra de Garrett, de a ter tornado esteril, até á sua quasi completa anniquilação!*

Sem desconsiderarmos, antes acatando reverentes, as opiniões de Alexandre Herculano ácerca do drama historico, e dos conselhos que elle dava á mocidade do seu tempo, crêmos que a critica do grande mestre senão applicava a Mendes Leal, havendo entretanto engenhos mediocres que se abalançavam a escrever dramas historicos, como o sr. Theophilo Braga pode verificar no *Reportorio geral do theatro portuguez* com que fecha o proprio volume em que torna Mendes Leal responsavel pela não continuação do exemplo dado por Almeida Garrett que déra feições nacionaes ao drama portuguez.

Em successivos artigos desenvolveremos este, e outros assumptos, que se prendem de perto com o distincto papel que Mendes Leal representa nas letras patrias.

(Continúa) *L. A. Palmeirim.*

José Gomes Goes

Nem sempre os homens de intelligencia superior representam no mundo o papel que deveram.

O acaso do nascimento, as circumstancias da educação, o meio em que se desenvolveram, a carreira a que se dedicaram, o temperamento, a indole, o genio, as relações de familia, as exigencias ou necessidades d'esta, os germens de uma doença latente que só ao cabo de annos se manifesta, e tantissimos outros factores de importancia diversa e de variadas procedencias determinam a queda ou a subida, a expansão ou a occultação do merito e aptidões pessoaes.

Se tantos exemplos não estivessem bradando á humanidade tão verdadeiro acerto, se tantas vezes não vissemos a nullidade, a inepcia pompeando gallas que só a astucia ganhou, e o talento, e o saber encobriram-se na penumbra, na sombra da modesta virtude, passando quasi desapercebidos, bastava o exemplo do grande obreiro encima este artigo para attestar esta verdade.

Poucos homens sabiam tanto no nosso paiz, poucos possuiam talento tão vivo, sagaz, penetrante, poucos trabalharam tanto, poucos prestaram tantos serviços ás lettras e aos estudiosos, poucos estiveram em tantas relações com os sabios da Europa, poucos receberam tantos agradecimentos e tantos encomios confidenciaes como elle; e comtudo José Gomes Goes desappareceu de sob a face da terra, deixou um logar quasi insubstituivel no estabelecimento que occupava, e não houve ainda uma voz, uma mão amiga, uma pessoa justa, que dissesse bem alto o que elle valia, que desfolhasse os goivos da saudade sobre a sua campa gelada, que fizesse conhecer do paiz a perda que elle soffreu.

Ha um verme quasi imperceptivel, que penetra na madeira, a roe, corroe, e destroe de modo que ao cabo de pouco tempo o vasto edificio, o soberbo galeão que centenares de homens levaram annos a construir, esfarela-se, pulverisa se e cae irremediavelmente desfeito, para não mais se erguer: Goes era o contrario d'este verme, trabalhava incessantemente, percorrendo os livros, os codices, os mappas, os museus, as bibliothecas, os monumentos, os documentos, conversando com os homens de diversas profissões, de tudo sabia e tudo aproveitava para illucidar, desfazer duvidas, cortar difficuldades e encaminhar aquelles que se soccorriam ao seu saber pela vereda firme e direita da investigação.

A principal feição do seu talento era uma perspicacia, uma agudeza de raciocinio, e uma rapidez de penetração, que jamais falhava.

E não era só no campo da archeologia historica portugueza, mas em todas as outras e até no campo das lettras que o seu espirito se revelava robusto, agudo e clarissimo. Por isso os homens de lettras de todos os generos recorriam a elle para os auxiliar, ou com elle se concertavam para a execução de qualquer trabalho importante. Conhecemos alguma cousa d'estes auxilios, mas foi só depois da sua morte, e compulsando a sua correspondencia que encontrámos provas largas e multiplicadas do ponto até onde se estenderam os auxilios do sisudo sabedor.

Alexandre Herculano, Innocencio, Silva Tullio, Felner, visconde de Paiva Manso, Augusto Soromenho, Figanière, Corvo, J. Francisco Lisboa, monsenhor Pinto de Campos, Teixeira d'Aragão, Feo, José de Torres, Lopes Fernandes, Biker, Tolbort, o conde de Gobineau, e muitos outros que estão n'aquelle caso, seria longo enumerar, devendo fazer especial mensão d'aquelle que ha poucos dias despiu os veos da carne, e que em menos de quatro mezes seguio pelo caminho da eternidade, o que fora seu subordinado, e a quem sempre chamou amigo e collega, o grande escriptor e poeta José da Silva Mendes Leal.

Que tristesa e saudade não cobriria a alma d'este trabalhador infatigavel, d'este amigo certo e verdadeiro, quando depois de longa ausencia, entrando na bibliotheca Nacional, lhe faltasse aquelle com cuja amisade se honrava, e a quem muitas vezes recorreu em seus trabalhos e em quem tanto confiava.

Em uma carta de Mendes Leal, recommendando a Goes um certo serviço e durante as ferias, lhe dizia: «*É a ultima impertinencia das ferias. Desculpe v. São inconvenientes do merito*».

Foi de 1859 a 1861 que existiram mais estreitas relações entre o grande litterato que acaba de finar-se e o nosso bom Goes.

Em 1861 tratava o sr. Mendes Leal de apresentar ao concurso de um premio que se havia de conferir á melhor obra drammatica o seu drama *Egas Moniz* e como precisasse de pessoa muito competente para o auxiliar na copia e revisão d'elle, escreveu a Goes a seguinte carta que honra a ambos, e que é ao mesmo tempo, com outras a tal respeito, documento da historia literaria, dando-nos quasi que o principio da composição do drama, e mostrando a rapidez com que se fez a elaboração, copia e revisão.

Ill.^mo sr. — Tomo a liberdade de rogar a v. o particular obsequio de passar por esta sua casa, rua do Thesouro Velho, 30, 2.° hoje mesmo, sendo possivel, das seis para as sete horas. Preciso urgentemente communicar lhe um negocio importante, que me é pessoal, e que entendo poder confiar a v.

Sou com affectuosa estima. De v. ex.^a amigo e collega. — Sua casa. Junho 18-61. — *M. Leal.*

Pelo seguimento das cartas vê-se que Mendes Leal recebeu a visita de Goes, e que este, como sempre e a todos, se prestou a auxilial-o na copia e revisão do trabalho litterario e de impressão. O labor foi incessante, e não resistimos á tentação de copiar as outras cartas, que nos revelam o andamento da composição e o seu acabamento. Como se vê o drama estava começado e talvez já o 1.° acto prompto a 18 de junho. D'este dia até o dia 24 foi o poeta remettendo o original prompto e que ia aprromptando e n'esse dia escrevia o seguinte:

Ill.^mo amigo e sr. — Remetto o 3.° acto. Não lhe fazendo incommodo, rogo o obsequio de me enviar pelo portador o que estiver prompto, ou darlhe as ordens para voltar a buscal-o quando lhe determinar. Temos só cinco dias.

Sou com estima. De v. ex.^a collega e obrigado. Sua casa. Junho 24-61. — *M. Leal.*

P. S. No frontespicio, depois da phrase, «drama em 5 actos» deve-se accrescentar entre parenthesis — original

Ainda n'esse mesmo dia 24 de junho, Mendes Leal, escreve outra carta a Goes, dizendo que se ainda não está copiado o 2.° acto, se façam taes e taes alterações, todas de linguagem, e pede para

se introduzirem certos esclarecimentos na designação dos personagens e a precisar nomeadamente alguns, com o seu caracter historico e archeologico, o que prova que elle não só ia compondo dia a dia, hora a hora, mas ia lançando a vista ao rascunho e tratando de aperfeiçoar o já composto.

Eis essa carta:

Amigo e sr. — Se não está ainda copiado o 2.º acto, na rubrica da scena em que entra o infante, fim da 3.ª, onde diz «entram os officiaes da Curia, Prelados e Ricos-homens», convirá accrescentar a esta ultima palavra, sendo ainda possivel entrar em linha seguida, ou senão, addiccionar por entrelinha ao texto escripto, o seguinte entre parenthesis, como vae marcado — (o mordomo-mór Ermigio Moniz *(Dapifer Curiæ)*, o chanceller Pedro *(Cancellarius Infantis)*, o bispo do Porto, o prior D. Theotonio, o abbade de S. Pelagio de Lorvão, o abbade de S. Martinho de Tibães, o presbytero Vamaranense, os condes ou senhores de terras de Bouro, da terra da Feira, etc. — Logo adiante, onde diz «o alferes-mór» convirá accrescentar sem parenthesis, estas palavras — Fernão Pires *(Signifer)* — completando a phrase, com as palavras já exaradas, no primeiro texto «precede o infante».

No 3.º acto, scena 6.ª, começo, onde D. Theresa diz: «Jesus, filho, de que te estás lembrando!» convirá substituir assim: «Valha-te Deus, filho, de que te estás lembrando!» — Adeante, scena 8.ª, pelo meio, onde diz: «Valha-te Deus, filho, não digas...» convirá substituir assim: «Jesus, estes filhos!... Não digas...» — Antes d'estas scenas, na 5.ª, onde Lourenço diz, contando a morte da loba: «assoviou o seixo no arremeço» convirá substituir: «assoviou o seixo no ar».

Se estas impertinencias lhe causam transtorno, não se afflija; aqui se farão as substituições. Sempre e com muita estima.

De v. ex.ª amigo e collega. — Sua casa. Junho 24-61. — *M. Leal.*

(Continua) *Brito Rebello.*

José Gomes Goes — Fallecido em 1 de maio de 1886
(Segundo uma photographia de Madeira)

Uma visita ao Limoeiro

IV

Tinhamos entrado n'uns corredores estreitos e escuros, e subido alguns lanços de escadas

Ao fundo de um corredor destacava-se fortemente, no branco da parede caiada, uma pequena porta pintada de preto e forrada de grossa folha de ferro. Esta porta tinha um pequeno postigo por onde se podia passar uma marmita com o rancho.

O guarda que nos acompanhava chamou o carcereiro que estava em outro ponto, e depois de alguns momentos appareceu um homem carregado de volumosos molhos de chaves, d'onde destacou uma com que abriu, a muito custo, a porta do Segredo, pois era elle, e bem custoso de devassar.

Assim que a porta se abriu podémos ver um longo corredor de abobada illuminado de um dos lados, por duas janellas gradeadas e rasoavelmente limpo de paredes e chão que, se a memoria nos não falha, era de tijolo.

Não foi preciso entrarmos para ver esta prisão, e mesmo d'entre a porta Christino fez o desenho perspectico publicado a pag. 184 do Occidente.

Estavam lá dois presos que nos olhavam com grande curiosidade e espanto, em presença de extranhos que elles não comprehendiam que fossem alli só como visitantes, mas sim como auctoridade inquiridora de algum peccado esquecido, que lhes fosse aggravar a situação.

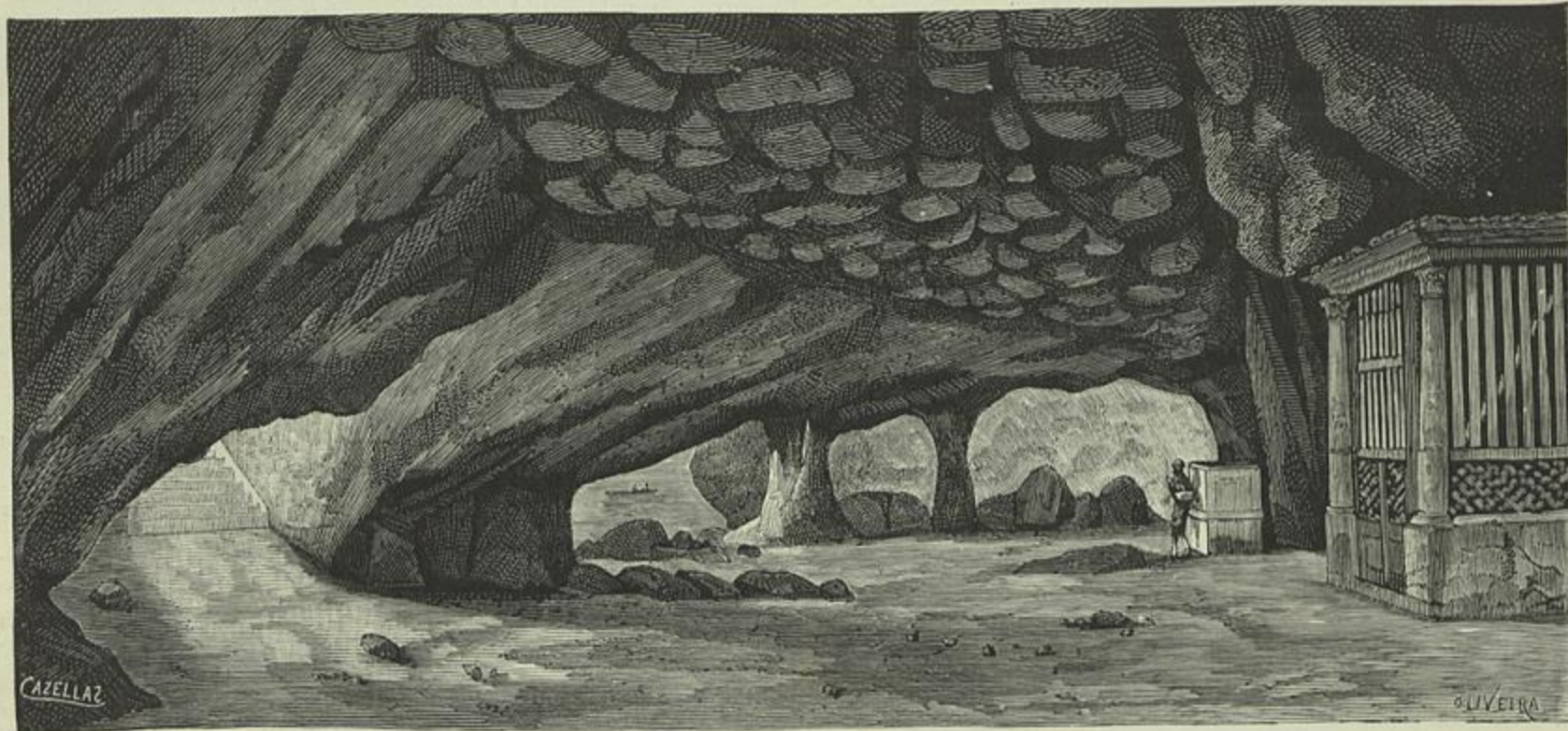
Esta pequena prisão pareceu-nos preferivel a qualquer das outras, desde que não tinha mais de dois até tres presos. Tem ar e tem luz bastante, sem humidade, e só poderá ser tomada á conta de maior castigo, pelo isolamento dos outros presos e pelo alimento, que em geral é pão e agua, no que, diga-se a verdade, não vae uma grande differença ao rancho commum.

Voltámos pelos mesmos corredores, descemos umas escadas e encontrámonos em frente da porta da enxovia n.º 1.

No breve espaço de tempo que passou até se abrir a porta, occorreu-nos á idéa tudo quanto tinhamos ouvido dizer das enxovias do Limoeiro. Viamos um antro escuro e immundo, mal cheiroso, povoado de vis insectos domesticos, sem ar e sem luz, onde os presos deitados sobre o pavimento, apresentassem todo o aspecto da besta immunda e exhausta, onde não ha chicote possivel de despertar um coice, á mingua de outra qualquer manifestação de brio bestial.

A enxovia! que de idéas repugnantes que estão ligadas a esta simples palavra, que horrores immundos que ella envolve!

Eu tomei uma pitada do meu meio-grosso, como frasquinho que tinha mais á mão para me defender da primeira entrada; Christino não tomou nada, mas mostrava-se tambem antecipadamente enojado pelo espectaculo que nos esperava. A nossa impaciencia nunca fôra tão grande e ao mesmo tempo tão receiosa; tivemos ganas de arregaçar as calças, de irmos em bicos de pés, evitando todo o contacto com as paredes, com a mobilia problematica, se a houvesse, arranjarmos emfim uma cobertura impermeavel se possivel fosse, para entrarmos na enxovia.

A porta abriu se e nós perguntámos ao guarda se effectivamente era aquella a enxovia, tal foi o nosso espanto ao vermos uma sala ampla, com duas amplas janellas tambem, onde o ar que circulava era sufficiente para beneficiar a casa e cerca de uns quarenta presos que n'aquella occasião alli permaneciam.

Gruta de Santa Margarida, na serra da Arrabida (Desenho do natural por Cazellas)

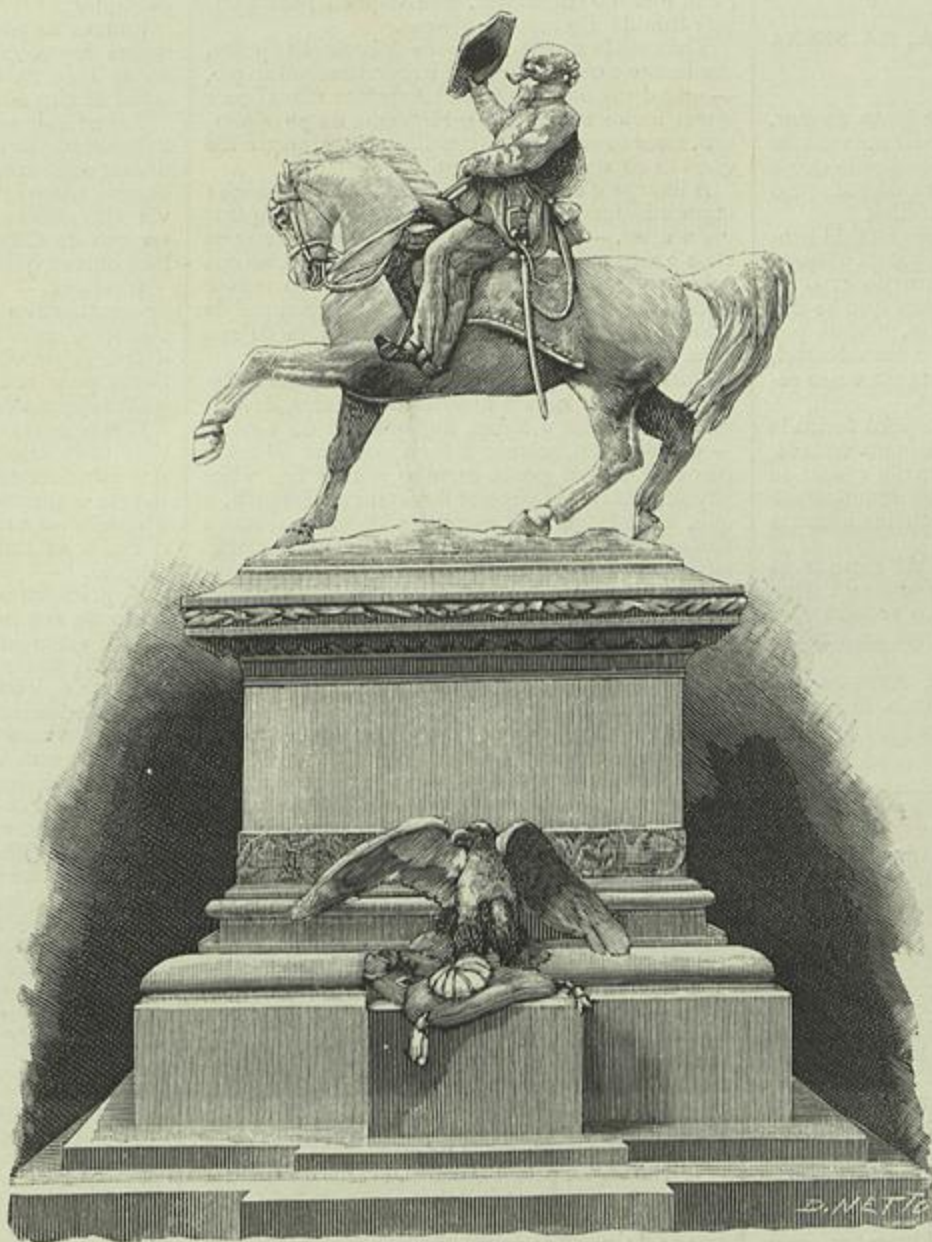
Não se pense, por esta nossa primeira impressão, que nós achámos aquillo optimo, confortavel, um modelo de aceio; a nossa admiração era unicamente resultado da grande prevenção que tinhamos contra as enxovias do Limoeiro, que de resto achavamos melhor que muitos antros immundos que se occultam por essa Lisboa com o nome de casas de habitação, sem ar e sem luz, empestadas por canos velhos e rotos, verdadeiros focos de infecção que os proprietarios alugam a troco de boas rendas e da vida dos seus inquilinos.

Em presença d'estas casas, que de ha muito deviam estar arrazadas pelo camartello municipal, já que os seus proprietarios teem o impudor de as alugar a quem não tem outro recurso, as enxovias do Limoeiro são preferiveis e vae talvez n'isto a explicação de estas serem tão frequentemente habitadas por aquelles que de certo encontrarão alli mais conforto que em suas proprias casas, visto serem as classes desfavorecidas as que dão maior contingente para a cadeia.

As enxovias do Limoeiro tem as paredes caiadas e o chão rasoavelmente limpo. Em volta da casa, e presas ás paredes, ha umas camas a que chamam bailiques e constam de um taboado assente em uns pés de ferro tendo em cima uma enxerga e duas mantas. De dia estas camas levantam-se para a parede, á qual se prendem com um feixo.

Nas tres enxovias do Limoeiro ha 150 camas d'esta especie, que só muito raras vezes deixam de ser sufficientes para os presos que em geral nunca excedem aquelle numero.

A differença que ha entre as enxovias e as outras salas prisões, não é coisa que se possa apreciar á simples vista, e mais horror ou repugnancia infunde o nome de enxovia do que a propria enxovia.

São estas as prisões destinadas aos presos que não podem pagar a entrada nas outras salas, e n'isto está toda a differença.

São os proprios presos que diariamente fazem a limpeza, limpeza que em suas casas não fariam por maus habitos de pouco aceio, mas que alli são obrigados a fazer como boa medida hygienica.

O sr. director da cadeia começava a ter razão pelo que nos dissera á entrada: «Verão que isto não é tão mau como lá por fóra se diz».

O aspecto dos presos na nossa presença, era bastante modesto e commedido; pozeram-se todos em pé, quando entrámos e alguns que estavam em mangas de camisa, vestiram á pressa os seus casacos ou jaquetas.

Isto mostrava-nos uma civilidade que estavamos longe de encontrar nas enxovias do Limoeiro.

Quando viram Christino riscar no seu album e eu tomar apontamentos na minha carteira, pensaram que se tratava de obras no edificio, e logo um preso, o mais graduado, o chefe d'aquella pequena tribu, veio indicar ao guarda que ia comnosco, umas certas obras que se tornavam necessarias no pavimento.

Sahimos da enxovia muito melhor impressionados do que tinhamos entrado, e se não é de apetecer o viver sob aquelles tetos e debaixo d'aquella sombra, para qualquer individuo soffrivelmente educado, é certo que para os desgraçados que em geral frequentam as cadeias, a enxovia está longe de ter os horrores e o desconforto que cá por fóra se pensa.

O nosso guia perguntou-nos se queriamos vêr as outras enxovias, mas pela informação que nos deu de que eram todas eguaes, dispensamo-nos de as visitar e seguimos para a sala n.º 1, ou sala das columnas, onde não só tinhamos a visitar a prisão como tambem a vêr o theatro da terrivel tragedia que deu motivo á morte violenta de João Fernandes Andeiro.

(Continúa)

Caetano Alberto.

Monumento a Victor Manuel, inaugurado em Genova no dia 18 de julho de 1886 (Segundo uma photographia)

AS NOSSAS GRAVURAS

MONUMENTO A VICTOR MANUEL EM GENOVA

No dia 18 de julho ultimo foi inaugurado solemnemente na cidade de Genova, capital da provincia da Sardenha, do reino de Italia, o monumento ao rei Victor Manuel, que a nossa gravura reproduz a pag. 197.

Ao acto da inauguração assistiu o rei Humberto I e a rainha Margarida, sua esposa, em presença da municipalidade e outras auctoridades superiores, o que junto com grande concurso de povo, deu áquelle acto toda a solemnidade e todo o enthusiasmo que deve animar o povo italiano ao eternisar no marmore a memoria do grande filho de Carlos Alberto, que mais feliz que seu pae, conseguiu a unidade do reino de Italia, sonho dourado, que a espada de um valente desinteressado

tornou realidade e depoz nas mãos de um rei, não menos valente, com a abnegação mais assignalada dos tempos modernos.

O monumento é obra dos esculptores italianos Francisco Barzaghi e Luiz Pagani, artistas já reputados por suas obras e que obtiveram o premio no concurso que a municipalidade de Genova abriu para o projecto d'este monumento, pouco depois do fallecimento de Victor Manuel, em janeiro de 1878.

Para a erecção d'este monumento abriu-se subscripção publica que subiu a 50:000 lyras ou 8:500$000.

A estatua de Victor Manuel é fundida em bronze e assenta sobre um pedestal rectangular de granito roxo de Baveno.

O custo total do monumento não excedeu 200:000 lyras ou 34:000$000.

GRUTA DE SANTA MARGARIDA, NA SERRA DA ARRABIDA

Ao sopé da serra da Arrabida, e junto ao mar, encontra-se uma das curiosidades mais notaveis do nosso paiz: é a gruta de Santa Margarida que a nossa gravura representa, fielmente copiada pelo nosso collaborador artistico sr. Cazellas.

A serra da Arrabida que é a mais alta da provincia do Alemtejo, principia na freguezia d'Ajuda do termo de Setubal e vae terminar no cabo de Espichel. É justamente n'este ponto que se encontra a gruta de Santa Margarida, cavada por baixo dos rochedos n'uma extensão consideravel, sendo a primeira galeria d'esta gruta um vasto recinto onde pode conter 500 pessoas.

N'este recinto ha uma pequena capella formada pela rocha e aproveitada pelos homens com algumas pequenas obras, e n'esta capella venera-se a imagem de Santa Margarida a que annualmente fazem uma festa com romaria que chama bastante concorrencia.

Uma escada talhada na rocha dá entrada na gruta pela terra, emquanto outra abertura deita para o mar, constituindo um certo refugio para os pescadores, que muitas vezes alli se abrigam dos temporaes.

Não conhecemos n'este genero, outra curiosidade natural no nosso paiz, que mais se recommende a nacionaes e extrangeiros para ser vista.

O conselheiro João Cesario de Lacerda

Governador geral da Provincia de Cabo-Verde

(Conclusão)

VII

Em Fevereiro do corrente 1886 achava-se João Cesario de Lacerda em seu posto de Chefe da Secção de Saude na Direcção Geral da Marinha, quando, pela quéda do gabinete regenerador, a ascenção do partido progressista abriu ingresso nos conselhos da corôa ao conselheiro Henrique de Macedo, professor de Mathematica na Escola Polytechnica de Lisboa, antigo deputado e hoje par do reino, — uma das intelligencias mais finas e um dos mais honrados caracteres que n'estes ultimos tempos os accidentes da politica teem chamado ás espinhosas lides do poder executivo.

Irmão de Manuel de Macedo, do meu caro Manuel de Macedo que no campo vastissimo da vida artistica tão exuberantes provas tem dado do seu bello talento e da sua constante applicação, — Henrique de Macedo traz-me saudosamente á lembrança uns annos verdissimos que lá vão decorridos (nem eu já sei ha quanto tempo!) n'aquella quadra feliz em que, descuidosos completamente do futuro, só pensavamos em saborear os incantos de uma existencia despreoccupada, — tão mimosa, tão agradavelmente suave era a educação que recebiamos na Casa Collegial dos Dominicos Irlandezes (ao Corpo-Santo) sob a paternal direcção de um perfeito *gentleman* com quem me alegro ainda hoje de frequentemente me incontrar, o dr. Patricio Russell, sacerdote de inexcediveis virtudes e de uma profunda illustração.

Henrique Howell (que é actualmente na *Companhia Carris de Ferro de Lisboa* o intelligentissimo chefe de movimento), seu irmão Frederico Jorge Howell (que prestou importantissimos serviços no incanamento do Alviela), Saraiva de Carvalho (que tão cedo morreu, e já tão frizantemente havia assignalado no mundo politico as suas feições de estadista), Cypriano Ribeiro Calleya (que optou pela carreira commercial, onde honradamente trabalha), João Ernesto Gomes Casassa (que tão moço veio a fallecer, quando na ingenheria auspicioso porvir lhe promettiam seus provados talentos), o dr. Jayme Coriolano Henriques Leça da Veiga (que na carreira administrativa ha tido frequentes occasiões de brilhantemente figurar), o dr. João Eduardo Lobo de Moura (assaz conhecido na magistratura judicial), Ferreira do Amaral (hoje governador da India), todos esses foram commigo companheiros de Henrique de Macedo e Manuel de Macedo no Collegio Irlandez do Corpo Santo.

N'aquella epocha frequentava eu muito a casa dos Macedos. Rarissima era a tarde em que, depois de findas as tarefas collegiaes, eu não pedisse licença a meu pae para ir estar com elles.

Moravam a esse tempo n'um palacete côr-de-rosa, que tinha intrada pelo n.º 2 (corresponde-lhe modernamente o n.º 13) da Travessa da Boa-Hora (a S. Pedro d'Alcantara), com esquina para a antiga Rua da Torre de S. Roque.

Vivia ainda a mãe dos meus dois condiscipulos, similhante a uma camellia de irreprehensivel alvura, — uma dama formosa e extremamente affavel, com quem muito se parecia o Henrique na physionomia, e que ás vezes vinha gentil, graciosa, afagar-me quando eu visitava os filhos.

Á ilharga d'ella, surgia não raro uma pequenita ingraçadissima, a Juliasinha, — um inlevo de quantos a viam, — creança que deixava prenunciar as altas e merecidas sympathias de que hoje gosa nos aristocraticos salões da nossa mais fina sociedade a espirituosa irman do conselheiro Henrique de Macedo, a bondosa herdeira das virtudes de sua mãe.

Outras vezes, quando não vinha o elemento feminino adoçar nossas filistrias de rapazes, desfructavamos então a figura *hoffmannica* do Carlos, — um allemão baixote e barrigudo que ao feitio corporal de um porco-espinho alliava uns visos physionomicos de general Radetzki aposentado, e que, estando alli por escudeiro da casa, evocava não sei que recordações das suas campanhas militares, para nos impingir á viva força as mais estapafurdias patranhas n'um dialecto exclusivo seu, mixto de portuguez e francez com resaibos de accentuação germanica.

Se em nossa algazarra lhe interrompiamos o phraseado polyglotta, perfilava-se todo formalizado, o bom velhote:

— «*Que diaple é iste por un côse... uns mininos assim turbulentes?!...*»

E nós... a rir como perdidos!

De tempos a tempos, intrava-nos pela porta dentro o Paulo, uma especie de antigo feitor da casa, um patusco impagavel, de falinhas amanteigadas e muito jovial, que vinha de Coimbra, ou de Verride, a contar-nos facecias da vida universitaria, — com uma paciencia enorme para nos aturar e nos divertir em nossa perpetua exigencia de gracejos e historietas, ou para lançar mão da bandurra e a meia-voz gargantear-nos com gesto comico umas alegres estudantinas por elle proprio improvisadas.

Como tudo isto vai longe!... E que saudades!...

Manuel de Macedo, o primogenito dos meus dois companheiros, era já n'esse tempo um artista incipiente que manejava o lapis e o esfuminho com apurado gôsto e decidida vocação.

O Henrique, pelo contrario, era ainda um doidivanas que não queria saber senão de brincadeiras e risota: um vivo demonio de jovialidade; um trasgo de partidas originalissimas, que fazia andar tudo n'uma remexida incrivel, — e do qual ninguem á primeira vista poderia suppôr houvesse de brotar um dia o professor circumspecto e o sagaz estadista que hoje preside nos conselhos da corôa aos negocios da Marinha e do Ultramar.

Uma das cabaes demonstrações que este cavalheiro ha dado já, nos curtos mezes do seu governo, com respeito ao altissimo interesse que lhe merece a administração das nossas colonias, foi a escolha de João Cesario de Lacerda para Governador Geral da Provincia de Cabo-Verde.

Conhecedor das colonias portuguezas e das suas necessidades, e do seu machinismo administrativo, e dos elementos indispensaveis para tornar devéras prospero e florescente o estado d'aquellas nossas provincias d'além-mar, — conhecedor sobretudo, por experiencia propria e por tirocinio práctico, dos dados especialmente applicaveis á Provincia de Cabo-Verde, o conselheiro João Cesario de Lacerda, nomeado Governador por Decreto de 14 de Maio de 1886, incontra n'essa nomeação o ensejo para deixar gloriosamente vinculado o seu nome á nossa historia colonial.

Sobejam-lhe qualidades para se desimpenhar de tal compromisso, — e juro eu, juram todos quantos o conhecem, que d'elle se ha-de triumphantemente e sem custo algum desobrigar.

Honra e louvor ao ministro que soube escolher tão prestimoso funccionario!

Parabens á Provincia de Cabo-Verde, que não pode senão lucrar grandemente com tão feliz escolha! Parabens ao paiz todo, que não pode senão folgar com a sensata e zelosa administração das suas colonias!

Entre varias condecorações com que officialmente hão sido reconhecidos os importantissimos serviços prestados por João de Lacerda, avultam sobretudo tres, que de preferencia quero aqui deixar apontadas, porque são ellas ainda das pouquissimas que não andam prostituidas pelo inclassificavel abuso dos que negoceiam e trapaceiam com o cofre das graças.

Refiro-me ao habito de cavalleiro na Ordem militar de Aviz, ao da Torre-e-Espada, e á medalha de prata (por bons serviços e comportamento exemplar).

Poucos se poderão orgulhar de tão merecidamente haverem ganho aquellas tres distincções, como João de Lacerda as ganhou; poucos com egual direito as poderão grupar todas tres.

Superior a tudo, porém, assignalemos desde já a manifestação honrosissima de que os Cabo-Verdenses o constituiram alvo, quando em 15 de Maio chegou telegraphicamente a Lisboa noticia de haver elle sido eleito deputado pelo «circulo de sotavento de Cabo-Verde» — eleição em que a sua lista obteve quasi completa unanimidade de votos.

D'est'arte, — emquanto por um lado o Governo, aproveitando a excepcional competencia do funccionario, resolvia brindar com elle os povos d'aquella provincia, — estes, por sua vez, escolhiam para seu procurador em côrtes o mesmo dedicadissimo cavalheiro.

Governantes e governados harmonizavam-se, pela mais feliz das coincidencias, reconhecendo que ninguem como João de Lacerda poderia promover e sustentar os interesses e a prosperidade d'aquella importante colonia.

Em 6 de Julho imbarcou elle para o seu novo destino.

A primeira vez que, depois de assignado o decreto de sua nomeação, pude em casa procurar o meu velho amigo, — fui eu incontrál-o á sobremesa do jantar, n'aquella doce intimidade do lar domestico, onde João de Lacerda sabe ser um chefe-de-familia exemplarissimo, e onde tem a suprema ventura de vêr-se estremecidamente adorado por uma esposa modelo, por dois filhos que seguem briosamente a carreira das armas, e por uma filhita incantadora que é a tentação de quantos se lhe abeiram.

Depois de abraçar cordialmente o novo governador e de apresentar os meus respeitos a sua esposa, tomei logar á mesa do repasto, pedi um calix de velho Madeira, e brindei com elle:

— «Á princeza de Cabo-Verde!»

Luizinha fez-se muito córada, como se na sua ingenua modestia de sensitiva mimosa a melindrasse a expansão enthusiastica do meu brinde.

E toda timida, toda invergonhada, murmurou apenas:

— «Princeza... eu?!»

Mas instinctivamente, inconscientemente, rebrilharam-lhe os olhos, aquelles olhos escuros e humidos, muito rasgados, que em seu rostinho gentil constituem uma das mais possantes affirmativas de finissima intellectualidade.

Rebrilharam-lhe os olhos, repito, como se lá dentro no seu espirito uma voz intima lhe segredasse, á interessante creança, o papel que na Provincia de Cabo-Verde ella vai sem duvida desimpenhar, á ilharga de seu nobre pae, como advogada dos pobres e tutelar dos desvalidos.

Porque no fim de contas... essa é que é realmente a brilhante feição das modernas princezas, d'aquellas mesmo a quem hierarchicamente pertence esta official designação.

A historia contemporanea ahi está para nol-o demonstrar no proprio recinto dos nossos paços reaes.

Tivemos de caridade um significativo exemplo em D. Estephania de Hohenzollern; temol-o em D. Maria Pia de Saboya; tel-o-hemos sem duvida em D. Amelia de Orléans.

Xavier da Cunha.

A Grecia antiga e os seus poetas

(Continuado do n.º 276)

Já mostrámos os vôos que a poesia lyrica havia tomado durante a segunda epoca litteraria da velha Grecia. Na terceira epoca vemol-a tomar nova fórma: a do *drama*. Foi nas festas bacchanaes que

ella nasceu e medrou; tomava por assumpto os crimes dos homens e os castigos infligidos pelos deuses.

Cabe a Thespis a gloria de ter inventado o theatro. Cantava elle as aventuras de Baccho e outros assumptos.

Esses divertimentos davam se então em carros ambulantes, como hoje fazem os oradores das turbas. As tragedias cantavam-se em córos, mas o genio inventivo de Thespis imaginou introduzir em scena... queremos dizer: *no carro*, um actor que nos intervallos contava algumas aventuras dos heroes mythologicos.

Deve-se a Eschylo a tragedia. Foi elle o verdadeiro fundador do theatro grego, substituindo o carro de Thespis por uma sala de espectaculos fixa. Apresentava em scena dois, e mesmo tres actores, transformando assim a narração em dialogo. Aos actores calçou cothurnos, afim de lhes dar mais realce á figura, e deu-lhes mascaras para melhor imitarem os personagens que representavam: é esse o verdadeiro caracteristico da *comedia antiga*. De cem peças que escreveu só nos restam sete, das quaes as melhores são: *Prometheu* e *As Eumenides*, no quarto acto d'esta: *Orestes*, presa das Furias, e a lucta de *Eteocles* e *Polycenes*, são trechos de rara belleza e verdadeiramente patheticos.

Foi ainda mais longe o seu seguidor, o grande Sophocles, tido como o maior poeta do seu tempo e tambem o mais fecundo, porque compôz cento e vinte e tres tragedias, sendo coroado deante de toda a Grecia nos jogos olympicos. As suas melhores peças são: o *Œdipo, Electra* e *Philoctete*.

Diz-se que tendo-o seus filhos accusado de demencia e requerido a sua interdicção, Sophocles leu aos seus juizes, para os convencer do contrario, um magnifico trecho do seu *Œdipo em Colona*.

Sophocles no estylo sobrepassa todos os seus rivaes —Verdadeiro e simples no dialogo, eleva-se por vezes á mais alta poesia. A sua expressão vivamente colorida, dá aos sentimentos naturaes o maior relevo.

Segue-se-lhe Euripides, um dos que mais illustrou a scena. Escreveu noventa e duas tragedias. Accusam-n'o de exercer pouca arte na composição das suas tragedias, mas, em compensação, não ha quem melhor saiba vibrar as cordas das paixões humanas. É, segundo Aristoteles, o mais tragico dos tres poetas gregos. Os tres primeiros actos da *Hecube* são a sua obra prima.

Depois dos tres tragicos gregos occupa a primeira plana na comedia, Aristophanes. D'elle nos restam onze comedias, das quaes são tidas como as melhores: *As nuvens* (allusão a Socrates), *As Rans* (na qual elle fez figurar o poeta Euripides), e *As vespas*. D'esta ultima imitou Racine os seus *Litigantes* (*Les Plaideurs*).

Teve grande popularidade como poeta comico, e a seu respeito diz Plutarcho:

«Aristophanes exagera o natural e fala á populaça mais que á burguezia; o seu estylo é mesclado de disparates continuos, elevado até ao excesso, familiar até á baixeza, chocarreiro até á puerilidade. As suas phrases rasteiras e indecentes só podem ser ouvidas pela baixa plebe, o seu sal é amargo, suas graçolas, pesadas e dolorosas, giram sempre no mesmo eixo; tem equivocos grosseiros, allusões improprias e licenciosas; n'elle a finura torna-se malignidade; o que devia ser ingenuo, bestial; o que podia ser engraçado, digno de ser pateado. As suas pilherias são mais proprias de serem assobiadas do que dignas de riso.»

Menandro seguiu o caminho traçado por Aristophanes, mas seguiu-o com incomparavel superioridade. Não tem como elle a satyra dura e grosseira que attrahia aos apupos e ás vaias do publico as individualidades, circumstancia que desvirtuou a comedia antiga a ponto d'uma lei a prohibir. As suas comedias castigam o vicio, mas com fina ironia e delicioso humorismo. Não diffamam, moralisam. Foi o introductor da *nova comedia*, e serviu de modelo, como já dissemos, a Plauto e a Terencio.

Menandro fechou a terceira época da poesia grega, mas fechou-a com chave de ouro, reformando o theatro e expurgando d'elle tudo quanto podia encommodar o ouvido e a moral.

Veio a quarta época, que foi chamada da *poesia alexandrina*, em que Alexandria parece herdar a gloria de Athenas. N'esta epoca a protecção esclarecida dos Ptolomeus deu grande impulso ás artes e ás lettras. A epopéa, o drama, o genero lyrico esmoreceram ao fulgor d'um novo genero: a *poesia pastoril*. Os poemas discriptivos, em que se exercitaram os mais bellos espiritos d'aquelle tempo, readquiriram novo viço e frescor; os poemas bucolicos attingiram a uma elegancia que tinha tanto de graciosa como de suave e encantadora.

Ao lado de Callimaco de Cyreu e Apollonio de Rhodes, destaca se o brilhante vulto de Theocrito, o pintor mais ingenuo e gracioso que a Grecia tem produzido em quadros campesinos. O retrato que elle faz dos seus pastores, os seus dialogos, os seus amores, tudo alli é tão notavel, tão cheio de doce ingenuidade, tão attrahente, que desde as primeiras paginas dos seus idyllios nos sentimos encantados. O epith lamio *Helena e Menelon* é considerado como um dos mais bellos especimens da poesia lyrica da antiguidade; os *Pescadores* formam um poema unico no seu genero. E, o que mais é que os tempos correram sem que ninguem viesse empanar o brilho de Theocrito! Foi preciso passarem, atravez dos seculos, muitas gerações para apparecerem um La Fontaine e um Gessner!

Bion e Moschus, discipulos de Theocrito, tomaram d'elle a doçura dos sentimentos, e o quer que seja do delicioso encanto do seu estylo.

Menippe inventou uma especie de satyras, ás quaes se deu o nome de *menippéas*.

Depois... veio a ruina dos Ptolomeus e com ella a decadencia da poesia grega. Essa circumstancia esmoreceu o fogo da poesia no peito dos poetas hellenicos. Faltava-lhes a protecção dos poderosos e, se algumas vezes o estro suppria a *inopia pecunia*, não poucos poetas iam para terras extranhas procurar os recursos materiaes que na patria lhes esceavam.

Os epigrammas de Meleagro da Syria, as fabulas Babrius, que poz em verso as fabulas de Esopo, e lhes juntou as da sua lavra; Muséo com o seu delicioso poema, *Hero e Leandro*, fecharam a quinta época, bem pobre na verdade. Foi n'essa época que nasceram os epitaphios em verso e as inscripções nos edificios, bem como a poesia elegiaca, que foi a percursora dos bardos da edade média, e immortalisou S. Gregorio de Nazianzo, Santo Avito e outros poetas religiosos.

Silva Pereira.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XVI

A photographia em balão — O envenenamento pelo chá — William Bullard, Lettsom e o dr. Brotero — O chá na China e no Japão — O envenenamento pelo cobre — Os abortivos dos effeitos da variola — Caracter de divisibilidade do n.º 7.

— Na sala dos telegrammas do *Figaro*, em Paris, estão expostas vistas photographicas obtidas em balão em $\frac{1}{150}$ de minuto, por Nadar. Representam vistas da superficie terrestre de maravilhosa precisão. Esta rapidez é obtida com o papel sensibilisado Eastmann, e no pequenissimo espaço de tempo necessario para que se fixe a imagem as oscillações da *barquinha* representam uma quantidade nulla. Com a actual descoberta o levantamento de planos fica muito simplificado.

Na altura de 1:000 metros pode-se levantar com extraordinaria exactidão o plano de uma superficie de um milhão de metros quadrados ou de 100 hectares, e como por dia se podem fazer dez estações, n'um dia é facil obter a planta de 1:000 hectares. Ora sendo a superficie de Portugal de 90:000 kilometros quadrados approximadamente, ou de 9:000 hectares um aereostato-photographico levantaria a planta de todo o continente em 9 dias! Além d'isto a photographia aeria tende a realisar grandes progressos na estrategia. As excursões aos paizes desconhecidos darão por este meio, que deve ainda aperfeiçoar-se, pois é necessario que as vistas sejam todas tiradas da mesma altura, — dados seguros d'essas regiões, tão ignoradas ainda, não obstante a dedicação dos Stanley, dos Livingstones, dos Franklin, dos Capello e Ivens e dos Serpa Pinto.

— A *Intoxicação chronica pelo chá* foi estudada pelo dr. William Bullard. Apresenta 163 casos. As mulheres formam o maior numero de doentes, depois seguem-se-lhe as creanças e por fim os homens. O envenenamento parece sómente se manifesta, quando o consumo não é menos de cinco chavenas por dia. A acção do chá sobre o organismo é cumulativa; é mais pronunciada na gente nova; certos temperamentos e constituições augmentam-lhe a nocividade; a anemia é causa predisponente e poderosa; a debilitação geral da economia, qualquer que seja a origem, a vida e a sedentaria falta de exercicio, a alimentação de mediocre qualidade, — tudo isto concorre para o mesmo resultado.

A intoxicação manifesta-se pelas perturbações da digestão, soffrendo o estomago mais que o intestino: falta de appetite, oppressão epigastrica, mau estar depois da comida, nauseas e algumas vezes vomitos, falta de evacuação e em geral todos os symptomas das dyspepsias nervosas foram observados. Tambem se apresenta em alguns casos uma dor do lado esquerdo que o dr. William Bullard hesita em attribuir ao coração ou ao intestino. As perturbações do apparelho circulatorio consistem nas palpitações e na irregularidade das pulsações do coração. Por vezes os doentes sentem difficuldade em respirar. Os symptomas nervosos apparecem: cephalgia e hemicrania, raramente tremuras, grande excitabilidade e emotividade excessiva, fadiga do espirito e do corpo, repulsão pelo exercicio e por qualquer trabalho mental. Nos fins do seculo passado o dr. Felix de Avellar Brotero referindo-se ao dr. Lettsom e outros, estudou os effeitos do chá, fazendo curiosas experiencias, que publicou no seu 1.º volume do *Compendio de Botanica*.

D'elle diz Brotero: «Não se lhe pode negar a propriedade de alegrar, alentar e avivar os espiritos. Estas circumstancias parecem indicar no chá um principio activo, penetrante, e capaz de excitar promptamente a acção dos nervos: nas constituições summamente irritaveis esta acção chega a tal grau, que motiva sensações assaz incommodas e affecções espasmodicas, e nas menos irritaveis causa immediatamente um certo prazer e satisfação.»

Lettsom diz: «Confesso não ter assaz experiencia nem talentos para ponderar todas as gradações no vario temperamento da especie humana, a que pode ser util ou nocivo o uso d'esta bebida; direi sómente que uma grande quantidade de chá raras vezes pode ser proveitosa, a não ser applicada como medicamento, ou depois de grande fadiga; que se não deve tomar muito quente, e que os chás finos são tidos por mais nocivos do que os ordinarios, essencialmente os verdes.»

O nome *chá* é a denominação que na linguagem polida de Nankin se dá ás folhas do arbusto *Thea chinensis*, Sims, especie que abrange como variedades as especies de Linneu *Taea viridis* e *Thea bohea*. Na linguagem popular da provincia de Fo-kien chamam-lhe *the*. No Japão chamam-lhe *tsja*. O *ficki-tsja* é o chá em pó, e o *too-tsja* é o chá chinez ou em folhas. A cultura do chá foi durante muito tempo um mysterio para a Europa. Foi no começo do seculo XVIII que o viajante hollandez Kœmpfer nas suas *Amænitates exoticæ* o desvendou. A Europa occidental recebe o chá das provincias de Fo-kien, Kiang-nan, N'gar-hosi, Tché-kiang, Kiang-si, e de outras regiões da bacia inferior do rio Azul — Yan-tse-kiang —, e que são banhadas pelo mar Oriental até ao tropico de Cancer. Os russos fazem muito uso do chá, e recebem-no pelas caravanas do norte da Asia, que o importam das provincias septentrionaes do imperio chinez. A base da preparação do chá é uma torrefacção methodica, differindo muito os processos empregados para os chás verdes e para os chás pretos. Aquelles menos torrados do que estes alteram-se mais facilmente com o tempo.

«Os chinezes, diz José Ignacio de Andrade nas *Cartas da India e da China*, desvelam se muito no preparo do chá: nem toda a lenha serve, nem todo o barro é proprio para ferver a agua; e só os bules de certas provincias prestam para n'elles se fazer a sua infusão. Dar chá com polidez, n'este imperio, é uma arte de mais, entre as que servem ao regalo da vida; tem preceitos, e regras, que entram na ordem da boa educação. No Japão usam d'esta bebida preparada de outro modo; não se contentam com a infusão: as folhas são reduzidas a pó; vem á meza n'um pequeno cofre, e cada um lança em uma chavena a porção conveniente ao seu gosto. Os pobres costumam ferver as folhas, para extrair d'ellas toda a sua virtude.»

O chá foi chimicamente estudado por Davy, Frank, Brande e Peligot. O chá do commercio contém em 100 partes, entre outros principios:

Oleo essencial, que lhe dá o perfume — chá verde 79; chá preto 60.

Theina, principio analogo á *cafeina* — chá verde 2,34 a 3; chá preto 2,93.

Poligot encontrou-lhe ainda um principio azotado identico á *caseina* do leite.

A cultura do chá na Europa tem sido tentada por vezes O nosso collega sr. Raphael de Almeida teve occasião de ensaial a nos Açores. Como succede com tudo que é util e bom não foi auxiliado no seu tentamen, — o que não admira n'um paiz onde infelizmente a agiotagem é a unica industria que merece a protecção dos governos e dos capitalistas.

UMA VISITA AO LIMOEIRO

O parlatorio, na Cadeia Civil de Lisboa, o Limoeiro (Desenho do natural por J. R. Christino)

— Discute-se ha muito a nocividade dos compostos de cobre. O que ultimamente obteve sobre o assumpto a Academia de Medicina da Belgica, foi que os compostos de cobre não sómente são inuteis ao organismo, mas prejudiciaes quando introduzidos nos alimentos.

O dr. Oliveira Castro n'um excellente artigo publicado na *Revista Dozimetrica* indica o perigo do emprego dos abortivos locaes na variola. Esses abortivos ou nem sempre previnem as marcas ou ás vezes são causa de morte em casos aliás benignos, e o tratamento interno pelo *sulfureto de calcio*, quando feito a tempo e em certas condições, não só evita as marcas no rosto como a erupção de todo o corpo, o que abrevia extraordinariamente a doença, sendo além d'isso inteiramente innocente.

— O sr. Hellmann com respeito á divisibilidade do numero 7 achou o seguinte: — Quando em um numero divisivel por 7 se supprime o algarismo das unidades e quando do numero assim cortado se subtrahe o duplo d'essas unidades, obtem-se sempre um numero divisivel por 7.

Com effeito seja um numero *a b c d e* do qual se tira o algarismo das unidades *e* e mais *2 e* da columna das dezenas, o que dá: $e + 10 \times 2e = 21e$, que é um multiplo de 7.

D'este modo pode reconhecer-se facilmente se um numero é ou não divisivel por 7, pois repetindo a operação sobre os restos successivos chega-se a um resto final que ou é 7 ou o. No caso contrario o numero não é divisivel por 7. Ex: 6573 multiplo de 7. $3 \times 2 = 6; 7 - 6 = 1; 1 \times 2 = 2; 5 - 2 = 3; 3 \times 2 = 6; 6 - 6 = 0$. 156 não multiplo de 7. $6 \times 2 = 12; 15 - 12 = 3$.

João de Mendonça.

RESENHA NOTICIOSA

Cholera. As ultimas noticias dizem que a epidemia do cholera morbus continua a fazer victimas em Trieste e Fiume, estendendo-se por toda a Dalmacia, havendo localidades, como na aldeia de S. José, onde o povo se recusa a acceitar os soccorros clinicos, chegando a expulsar os medicos. Continua tambem a epidemia a grassar nas provincias orientaes da Italia, dizendo-se que os obitos regulam por 150 diariamente.

Fio de bronze. Está-se ensaiando em França a substituição do fio de bronze ao arame de ferro em certa extensão de linha telegraphica. Conta-se obter uma diminuição equivalente a metade da distancia entre duas estações em correspondencia, vista a grande conductibilidade da liga do bronze. Se os resultados corresponderem ao que acabamos de dizer, deve ganhar muito a transmissão telegrapho-electrica, e augmentar o incremento das redes telephonicas.

Liberdade de imprensa. O governo da Dinamarca publicou recentemente um decreto restringindo a liberdade de imprensa e impondo grandes multas aos abusos da mesma. Se aquelle governo estivesse em Portugal, o que faria?

Pombos-correios. Nas ultimas experiencias realisadas com pombos-correios em Austria, obtiveram-se resultados verdadeiramente maravilhosos. No dia 11 e 4 d'agosto foram soltos em Salzburgo, 31 pombos com destino a Linz; a distancia entre estas duas povoações é de 124 kilometros que os pombos percorreram em 3 horas e 45 minutos. Em Trieste tambem foi solto um bando em direcção a Vienna, cuja distancia de 596 kilometros foi percorrida pelos correios aereos em 30 horas.

Um retrato do Principe D. Carlos. A sr.ª Condessa de Eu comprou em uma Kermesse do Rio de Janeiro por 50$000 réis um retrato de S. A. o principe D. Carlos, quando tinha oito mezes de edade. Esta curiosa lembrança vae ser offerecida pela Princeza Imperial do Brazil a S. A. a Princeza D. Amelia, esposa do Principe D. Carlos.

Monumento a Bellini. Foi inaugurado em Napoles um monumento a Bellini, o celebre maestro italiano. Na occasião da inauguração Mancini leu um telegramma do rei Humberto que encerrava esta phrase: «Quanda a Italia carecia de liberdade, encontrou alguma consolação na musica de Bellini.»

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Revista mensal da secção da Sociedade de Geographia de Lisboa *no Brazil, publicada sob a direcção de Eduardo A. de Brito e Cunha redactor-chefe interino, etc. Rio de Janeiro, typ. e lyth. de Moreira Maximino & C.ª, rua da Quitanda, 111 e 117 — 1885* — Tom. III. Janeiro e fevereiro de 1885. Encerra este fasciculo o tratado do padre Fernão Cardim intitulado *Do clima e terra do Brazil e de algumas cousas notaveis que se acham assim na terra como no mar,* até hoje inedito na lingua portugueza, salvo uma pequena parte; é um trabalho curioso, bem escripto e feito por pessoa que habitou por muitos annos o Brazil. Foi um bom presente ás lettras portuguezas que andam tão doentes. Segue-se a *Noticia sobre o rio Branco e os indios que o habitam* pelo sr. capitão Feliciano Antonio Benjamin, concisa mas interessante, com um pequeno vocabulario dos idiomas *macuchy* e *oapichana,* quasi desconhecidos; *A região dos campos do Brazil* por Herbert H. Smith, traduzido pelo sr. Carlos Americo dos Santos, etc.

Archivo dos Açores, *publicação periodica, destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana.* 1886 — Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, typ. do Archivo dos Açores. Fasciculos n.os XL e XLI, 4.º e 5.º do setimo volume. Encerram estes fasciculos documentos interessantes para a historia açoriana, com relação aos periodos da acclamação de D. João IV e do movimento liberal de 1828 em deante e outros relativos a varias especies, em um dos quaes notamos a noticia de uma calamidade succedida nas ilhas de Santa Maria e Porto Santo em 1617, sendo d'ali levadas captivas pelos turcos mais de mil almas, desgraça que parece ainda ninguem ter referido. Continua pois com o mesmo interesse para os estudiosos, a ser lida esta importante publicação.

Boletim da Sociedade de Geographia Commercial do Porto, 3.ª serie, n.º 2, julho de 1885 — Comprehende: *A rede e regime dos caminhos de ferro nacionaes,* conferencia feita em 29 de outubro de 1882, pelo socio honorario J. P. d'Oliveira Martins, que já vem continuada do numero antecedente, e que é uma interessante elucidação sobre este importante meio civilisador. *Relatorio elucidativo* dos mappas estatiscos relativos ao movimento commercial no districto de Lourenço Marques, durante o anno de 1884, apresentado por Adolpho de Castro Netto de Vasconcellos, director da alfandega. Não é apenas este trabalho como se poderia deprehender do titulo, uma elucidação dos mappas; tem mais do que isso, porque apresenta noticias de costumes e usos, e até diarios de excursões interessantissimas. Tambem já é continuação do antecedente.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.